

**CIRCUITOS DE POESIA  
BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA: POETAS  
DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

*CIRCUITS OF BRAZILIAN  
CONTEMPORARY POETRY:  
POETS FROM SÃO JOSÉ DO RIO  
PRETO*

**Rosana Nunes Alencar  
(UNIR)<sup>1</sup>**

Em texto publicado na *Revista Gragoatá*, em 2006, Ítalo Moriconi ressalta que “Por paradoxal que possa parecer, neste nosso início de século, a literatura tanto como fato de mercado quanto como fetiche (ou valor) ideológico permanece suficientemente viva [...]”<sup>1</sup>. Após pouco mais de uma década desde a publicação do

---

<sup>1</sup>Doutora em Teoria da Literatura pela UNESP – São José do Rio Preto. Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea (GEPOEC). 76.980-000. Vilhena, Rondônia, Brasil. *E-mail:* roalencar@outlook.com

referido ensaio, constatamos que circuitos de poesia contemporânea continuam se estabelecendo no cenário artístico brasileiro. Exemplo disso são os poetas que apresentamos nesta seção. De uma forma ou de outra, seja porque nasceram, seja porque estudam ou estudaram na Universidade Estadual Paulista (UNESP), todos têm uma relação com a cidade de São José de Rio Preto-SP. André Luiz do Amaral, João Pedro Lioffi, João Victor Amadeu, Marcin Watanabe e Sidnei Olivio nos foram sugeridos por Márcio Scheel, professor do Curso de Letras da UNESP/Câmpus de São José do Rio Preto.

Os poemas escolhidos, diga-se de passagem, pelos próprios poetas ilustram a afirmação de Marcos Siscar acerca da diversidade da poesia brasileira contemporânea. No ensaio “A cisma da poesia brasileira”, o estudioso evidencia que a “ausência do projeto coletivo” é uma das linhas de força da poesia brasileira publicada a partir dos anos 1980<sup>2</sup>. Assim, temos ao longo desta seção poemas voltados para o diálogo com outras vozes, como é o caso de “Entristecendo a manhã”, de André do Amaral, que se entretetece pelas marcas poéticas de João Cabral de Melo Neto. Esse também é um dos traços da poesia de Sidnei Olivio quando, no poema “Navigare necesse”, reverbera o lirismo de Fernando Pessoa. A herança da modernidade pode ser observada na poesia de João Pedro Lioffi que em “Bicho na urbe” faz ressoar as ruínas de ruas e avenidas tão próprias da tradição moderna. A cidade também é palco para o “trânsito de infelizes” na poesia de Marcin Watanabe. Acerca desse jovem poeta vale destacar a singularidade do suporte em que circula a sua poesia, haja vista o processo de criação e publicação se realizar diretamente em sua página do *Facebook*. No avesso do cenário urbano, encontramos, no poema “O seu sorriso era outra coisa”, de João Victor Amadeu, um espaço mais intimista, voltado para os questionamentos do sujeito contemporâneo.

A antologia poética que se segue, exatamente em razão da diversidade, possibilita pensar no campo literário contemporâneo como um espaço marcado pelos impasses do presente. Os impasses,

que podem passar pelo afastamento ou aproximação com a tradição literária, por tipos diferentes de produção – constituindo circuitos alternativos de recepção –, ou mesmo por modos de acolhimento ou de enfrentamento do real, mostram que a poesia está viva. As variações, ou variedades, que essa poesia mobiliza não são mais do que a forma encontrada para encenar a sua própria resistência.

## ANDRÉ LUIZ DO AMARAL

---

### ENTRISTECENDO A MANHÃ

vês a cidade, despertas  
fumas, tomas teu café  
lês os jornais, beijas depressa  
no carro, na rua, na esquina  
na tua rotina a teia viça

sabes pouco da vida  
teu poleiro, tua família  
as horas vazias repetidas  
teus planos, tua falta  
completa de alegria

estás sozinho à roca  
não cantas nem fias  
não há outros, ouve  
teu grito de galo:  
solitário gritas  
para quê a manhã  
se já não podes  
dar à palavra nova  
serenidade antiga?

## GOYA EXPLICADO À MINHA FILHA

### I.

Agora, quando toda a gente se ocupa  
a pensar se terás a sublime aparência  
dos filhos de Rubens, peço que venhas  
para obstar o semblante do mundo

A realidade, minha filha,  
é Goya sobre Saturno

### II.

Pouco importa a cor das calças  
de um homem fuzilado  
se vermelho escorre o sangue  
dos mortos à sombra de Carlos IV

assentada sobre o monturo  
de desesperança a poesia cresce  
à luz fátua te enfia os dedos na garganta  
como o médico examina uma criança

### III.

Quando faltarem meus braços  
acredito que a poesia possa  
um dia te ensinar a cair  
quedas pequenas sobre os joelhos  
outras de cara ao duro solo

Mas nenhum poema salva quem se afoga  
tampouco os corpos mutilados de Goya

IV.

Há um quadro de Paul Klee, eu sei  
chegará o tempo em que não mais

rabiscarás anjos no papel  
apoiada sobre uma das mãos  
esquecerás descontente e só  
dos teus incontornáveis lidares

Chegará então a hora grave  
em que outro anjo obscuro  
desenhará teu nome  
sem melancolia

NOLI ME TANGERE

*para minha mãe*

quando criança  
sobre tuas mãos  
- acaso te lembras? -  
dizia coisas horrendas

não sabia que elas  
ao menor toque esquivas  
eram exatas como as minhas

menino, não pegues nisto  
que é tudo imundícia  
- o chão, o mundo, a vida -

eis que trago este nojo contido  
- só as tuas mãos eram limpas -  
na mal disfarçada algaravia

e cerrados os punhos  
antes e ainda

LEFAUCHEUX 7mm

17 anos Rimbaud tinha  
quando levou dois tiros  
às duas horas do décimo dia  
do sétimo mês de 1873

num quarto de hotel  
de la rue des brasseurs, à bruxelles  
une balle blesse le jeune  
rasgando-lhe a escápula

- voilà pour toi, puisque tu pars!

tenho 30, ainda à espera  
de uma doença, um acidente  
de quem veramente me ame  
a ponto de me matar

- Verlaine, Verlaine, lamá sabactâni?

tenho medo do mar

MASP

cruzados  
como um imenso  
x amarelo

tu midinette  
eu lérând

buscamos

o papel  
a moldura  
a parede

e meus olhos te procuram  
branca imagem flutuante

no vão  
mistério  
da sala

como os teus displicentes  
desdenham de tudo  
reconhecem num monet  
– como quem vê um rosto na multidão –

a ponte  
o ponto  
o punctum

do nosso mundo ainda  
branco multicolor

enorme vazio  
sob um todo sustentado  
por um par de pilotis

tu o direito  
eu o esquerdo

**André Luiz do Amaral** nasceu em Florianópolis/SC, em 1986. É bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS, Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutorando em Letras pela UNESP/Campus de São José do Rio Preto. Publicou, em 2010, o livro de poemas experimentais *Fio no Pescoço* (Editora Katarina Kartonera).

## JOÃO PEDRO LIOSSI

---

### BICHO NA URBE

#### I

dentro da cidade, como um dado  
que derrete sobre o calor do concreto,  
aquele homem, os úmidos pelos das pernas  
aderindo à calça velha, a lembrança  
tremendo nos lábios

e certo do tamanho  
desta tarde, da tragédia  
desta tarde, da dureza  
deste asfalto, do asfalto  
desta falta, caminha,  
tonto, entre as linhas  
imaginárias dos trópicos,

sob o brilho escondido  
das estrelas, dentro da melhor  
cidade da América do Sul

#### II

por onde  
ir? pergunta

ao próprio corpo,  
onde deitar para não

doer? [a certeza-soco  
da existência, este cisto

encravado na retina,  
no meio do caminho]

por onde poder partir  
para além da ruína?

### III

veículos, cães, o seco  
vapor das palavras ditas  
em português do brasil

e tudo por todos  
os lados, produtos  
das bocas desta brasa

quente como é muito quente  
uma merda fresca, um cu  
dissolvido em suor [não

eu nunca quis perder  
os pontos de chegada,  
eu nunca quis saber  
que não existe nada

de repente, um tiro,  
um salto, um espanto,  
e o mundo entorta,  
e a língua corta  
o fio de seus verbos

devo andar? apenas  
perfumar a pele  
com a fome de  
uma faca? a vida

não vale este estrume  
sob o meu sapato  
a morte não vale  
este sapato, meus pés  
sobre o mole da merda

repito: VIDA  
meus dentes estranham  
o som da palavra  
a ponte espantada

a vida, a vida,  
não vale um cascalho  
destas avenidas]

## OBSERVATÓRIO DE VERÃO

### I

chove como uma máquina  
emperrada de suor e sexo  
ninguém sabe exatamente  
o que sobe troca de corpos  
socos e olhares tomo os pingos  
como se tomasse pílulas  
de placebo confio nas folhas  
queimadas confio nos cães  
ardendo de sarna não apresso  
o passo confio no delicado  
úmido das pedras

### II

partido vou me perdendo  
o verso venta nos dedos  
entretanto não permito  
descanso sob o arvoredado  
tiro as calças e as luvas  
perdido vou me partindo  
corto as unhas e os cabelos  
durmo sob os próprios restos  
resto nas fendas da terra  
sujo a barriga no barro  
chove como uma criança  
entre o soluço e a palavra



### III

a tarde já não arde  
como o tétano  
quente da manhã.  
o verso que não  
amanheceu e pesou  
sobre o ombro esquerdo,  
doendo durante o dia,  
encharcou-se, diluiu-se  
na força da enxurrada,  
e outros, menos perfeitos e  
mais reais, tentaram. a tarde  
ainda resiste. mas o nome,  
o bar em que bebíamos  
os olhos, o velho número  
do telefone, tudo cai  
silencioso da minha cabeça  
e dorme no limo frio das calçadas.

**João Pedro Lioffi** (1996) mora no interior de São Paulo, em São José do Rio Preto. Estuda Letras na UNESP, é músico e poeta. Em 2015, publicou um fanzine de haicais, além de poemas nas revistas *Gente de Palavra*, *Raimundo* e *Mallarmargens*. Seu primeiro livro, *Aquilo que chamávamos de escuro*, será publicado pela Editora Urutau.

## JOÃO VICTOR AMADEU

---

### MINHA NUDEZ

A fuga da solidão  
Também é solidão  
Hoje por exemplo  
Quis fugir para seus lábios  
Que eu nunca soube a cor  
E se eu soubesse  
Pintaria minha casa inteira  
Com o tom da sua boca  
Mas eu não tenho uma casa  
Desde que você despiu  
Seu coração pro mundo  
E fui forçado a morar  
No escuro imutável da nossa ausência.

## O SEU SORRISO ERA OUTRA COISA

Tranquilo era a minha alma inundada de caos apaziguado, a fumaça dançante dos nossos cigarros, a música sem temor para com o silêncio dos solitários aceitos. O seu sorriso era outra coisa...

Algo entre a indecência da mente de um poeta e a saudade da pureza escancarada de uma criança. Algo entre um reboiço divino e o desejo quase incontrolável de amar sua alma nua.

Ainda que eu soubesse o segredo do mundo e conseguisse escrever a crônica da nossa verdadeira proveniência, o seu sorriso ainda deixaria um ponto de interrogação em cada página da humanidade. Pensei, se eu escrevesse sobre a figura que se encaixa perfeitamente entre o seu queixo e o seu nariz, eu saberia, ainda que inacreditavelmente, como contemplar a felicidade sem utopias.

Depois que este sorriso amarelo em meu rosto te viu, ele continuou amarelo, mas carrega a certeza de que vale a pena se abrir para ver isso, que era tudo, mas ainda era outra coisa...

## TRAGÉDIA ASSUMIDA

Não abra a boca perto de mim para proclamar mentiras  
Sua alma não está crispada para ter razão  
Eu não falo de mim por felicidade  
E isto não é uma lamentação  
Me disse que é preciso ter coragem  
E que com coragem eu venceria o mundo  
Até agora não fui vencedor  
Pois então acho que não entendi  
Admitir a dor não é em si um ato corajoso, seu doutor?  
Eu não estou pedindo socorro  
Não quero que me explique o porquê dos meus olhos baixos.  
Não quero caricias falsas sobre minha cabeça  
Só compreenda, por favor, isto que seus olhos não veem é bem  
[mais que tristeza]

Trate-me como um homem  
Não como um homem forte  
Não como um homem consciente  
Não como um homem sábio  
Não como um homem feliz  
Pois estes não existem de fato  
Trate-me como um homem sem máscaras  
Pois sou vil  
Sou fraco  
Sou o rato escondido no beco  
Sou o caco de vidro no pé do menino  
Sou o tom errado da banda soberba  
Sou eternamente culpado  
Sou o que cada um teme enxergar.  
Agora que lhe contei verdades  
Cuidado com os seus passos  
Caminhar com maior facilidade é caminhar na ilusão  
Caminhar na verdade é andar de joelhos, sentindo o gosto da sua aprovação

**João Victor Amadeu** (1998) é estudante de Letras na UNESP de São José do Rio preto, interior de São Paulo. É poeta, joga basquete pela faculdade e é dono de uma página de poesias no Facebook, 'Delírios de Um Poeta Solitário'. Apaixonado pela literatura, caminha para que um dia consiga publicar um livro de sua autoria.

## MARCIN WATANABE

---

Você pode pôr teu cabelo de lado, anunciando a volta de um Deus qualquer do reino dos mortos, escrever um belo texto de simpatia e publicar pra que elas vejam logo. Não vai adiantar procurar, meu nome nunca está nos prólogos, nas arestas de uma catedral vitoriana e nem no epicentro de uma ogiva nuclear prestes a se deparar com a mais bela forma de vida. Meu ego transborda saliva ácida nas feridas expostas de uma carcaça luxuosa que bebe vinho às três da tarde e deita pensando em ventos vindos de algum outro ponto da bússola. Eu te encontro todos os dias nessas distrações lunares que me fazem pensar em tiras de carne doce no céu da boca onde explodem espécies diferentes de saudade.

## RESSURGIMENTO

Vago pelas ruas de janelas cintilantes, noite chuvosa, as calçadas transpiram um vapor quente, lisérgico, que me faz sonhar em branco. Já me acostumei a te encontrar com esses olhos de miopia, rasgando bonecas velhas de pano pela barriga. Tenho sonhos em que me transformo em James Dean, recebo algum prêmio póstumo que mereci, faço inveja para o Elvis Presley no meu Porsche Spyder com a namorada only seventeen. Você soletra meu nome como se fumasse a cada sílaba, uma flor que desabrocha no canteiro de concreto da avenida. Condenados à eternidade, ver nascer uma nova língua após a extinção da vida. Sonhar é fazer transbordar pelos cantos dos muros que nos cercam, nunca vamos nos perder enquanto não soubermos para onde ir.

## APOCALIPSE MENTOLADO

2.

Esse tom laranjado que bate nos prédios, pura nostalgia sem remédio, um trânsito de infelizes, disfarçados, todos eles, tão longe de casa. A saudade monocromática, límpida, estática, pendurada como um chaveiro no bolso de quem sabe carregá-la. Tua respiração tem vista para o infinito, eu me debruço nela todas as noites sem saber.

**Marcin Watanabe** é estudante de Letras da UNESP de São José do Rio Preto.

**SIDNEI OLIVIO**

---

NAVIGARE NECESSE

a cada fim de caminho uma nova encruzilhada. a vida é feita de míopes escolhas. histórias incompletas. cruces imaginárias. espiral de incidentes desembocando em acasos. como transpor os limites do imprevisto para o mais a frente? (seguir além de tordesilhas longe de perder unhas e dentes é ensimesmar o desconhecido).

## ROMANCE

vivo fazendo troça às metáforas mortas do seu ideário de amor e vida. faço vista grossa dessa cópia comum de símbolos. essa floresta improdutiva e mal conceituada. trilha devastada na ideia quase suspeita de íntima relação. acendo velas de neon iluminando o fim do túnel. cavo como posso esse poço longo e tedioso (simulando best seller). por acaso você predisse o ensaio que o nosso caso assumiu? você não disse. subordinada ao deboche sumiu nas esquinas encruzilhadas dessa malfadada intenção de futuro. passado. eu continuo pichando os muros da realidade ambígua dessa indecisa cidade.

## OLHOS DE VIDRO

nenhum assombro a mais nessa soma de flores  
já mastiguei todas as pétalas em meio século de setembros

não me incomoda mais o acúmulo da areia nem a força  
inextinguível a empurrá-la pela cintura do tempo

meus olhos são de vidro e projetam a letra torta à procura de  
uma rima entretanto não desprezo o sono a recepcionar o verso  
inesperado só atendo à urgência dos rins e à sede que mantém esse  
ciclo osmótico

e enquanto a fisiologia ferve eu me recosto no banco a decifrar  
enigmas a contar pitangas maduras a observar o sol se decompondo

(a noite é a última palavra ao alcance do horizonte)

## A ANATOMIA DO ESCURO

1.  
o escuro esconde  
esferas  
espécimes  
esquifes quimeras  
escondidas ainda são  
coisas (coisas são faces  
do que existem palpos  
papilas  
pupilas)  
e sempre se revelam  
quando há luz (nada além  
do despertar das coisas)

2.  
eu que sempre noturno pendurei  
à cabeceira o brilho diáfano  
da lua cheia depois  
me deitei com as palavras sobre  
a lápide do silêncio da trans  
formação verso que era verme  
que sou  
(  
não minto que  
sou  
helminto que  
sou  
das entranhas incertas  
das minhas certezas  
das estranhas artimanhas  
da minha estranheza  
)

## PROCESSO DE POVOAMENTO

1.  
num desplante plano (anti-)cartesiano  
a aritmética ansiosa a ponto de ser  
palavra. começo a contar segundo  
a segundo todos os segundos  
do minuto a minuto todos os minutos  
da hora a hora todas as horas  
do dia a dia todos os dias e noites  
todas (que adiam)  
segundo a segundo  
o que parece restar na sombra/soma  
da idade.

2.  
enquanto abelhas sobrevoam carniças e pastagens a procura  
de esterco (você que sempre achou que todo mel era puro  
fruto de floradas) eu contava as primaveras passadas e achava  
que jamais passaria de 40. hoje aos 50 aprendi a tempo formular  
hipóteses sobre o tempo. me inserir em estatísticas  
demográficas e fabricar sintaxes sem o amargo gosto do vazio.  
(me afasto inteiramente do vazio. saboreio o mel pela  
identidade das abelhas. e rasguei meu epitáfio).

**Sidnei Olivio** (1959). São José do Rio Preto, SP. Biólogo e poeta. Sete livros publicados, sendo três em co-autoria. Participação em mais de quinze livros de coletânea, dois internacionais. Publicações em vários sites e jornais de literatura, e em três *e-books* de poesia infantil e poesia minimalista. Vários prêmios em concursos, dentre eles, Mapa Cultural Paulista, 2000 e 2010; Accademia Internazionale Il Convívio, Itália, 2002; Prêmio Estímulo “Nelson Seixas”, em 2006, na categoria musical; Prêmio Estímulo “Nelson Seixas”, em 2010, 2011, 2012 e 2013, na categoria literatura.

## Notas

<sup>1</sup> MORICONI, Ítalo. “Circuitos contemporâneo do literário (indicações de pesquisa)”. In: *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 20, p. 147-163, 1. sem. 2006, p. 149. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/331/332> Acesso em: mar. 2017.

<sup>2</sup> SISCAR, Marcos. **Poesia e crise**: ensaios sobre a “crise da poesia” como *topos* da modernidade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 149.